

## **O GIRO PRAGMÁTICO, A EDUCAÇÃO E A EDUCAÇÃO FÍSICA: O QUE EXTRAIR DO DEBATE RORTY – HABERMAS?**

Valter Bracht  
LESEF/UFES

Felipe Quintão de Almeida  
LESEF/UFES

Núcleo de Estudos e Pesquisa Educação e Sociedade Contemporânea – CED/UFSC

A virada pragmática no debate filosófico contemporâneo tem sido objeto ou o foco do debate entre dois proeminentes filósofos contemporâneos, quais sejam, R. Rorty e J. Habermas. O debate em torno da virada pragmática não pode ser dissociada da virada lingüística, já que, no entender do próprio R. Rorty uma das diferenças entre os pragmatistas clássicos e os neo-pragmatistas se deve exatamente à virada lingüística, a partir da qual estes teriam trocado o tema da experiência pelo da linguagem. Essas viradas implicam no reconhecimento da ausência de um fundamento último e a-priorístico para o conhecimento da realidade e um questionamento radical da utilidade da noção de verdade. Particularmente no que diz respeito ao debate sobre a virada pragmática entre Habermas e Rorty, nosso foco para a presente intervenção, o ponto da discórdia situa-se, fundamentalmente, entre a necessidade, utilidade (e possibilidade) de diferenciação entre justificação contextualista e verdade, sendo que Habermas insiste nessa necessidade e, Rorty a nega. Habermas (2004) entende que Rorty está certo quando considera o contextualismo (a comunidade de comunicação) como a consequência necessária de uma virada lingüística executada cabalmente, mas estaria errado em ver o contextualismo ao mesmo tempo como a solução do problema. Uma das consequências da posição de Rorty é um certo relativismo (não entendido por ele como um problema) que afeta o que se tem chamado de fundamentos dos projetos educacionais. Não podendo apelar (racionalmente) para justificações com validade universal e, sim, apenas local, os projetos educacionais precisariam assumir seu caráter relativo e contextualista; seriam negociados em cada comunidade de comunicação. Assumida a posição de R. Rorty, as metanarrativas educacionais, como a da educação emancipatória, não poderiam mais apelar para um fundamento ou uma validade universal, afetando o projeto da Educação Crítica. O papel da filosofia e, portanto, de uma filosofia da educação, também é entendido de forma diferenciada pelos dois autores, ou seja, eles extraem consequências distintas da virada pragmática operada por Rorty. São estas as questões, fundamentalmente, que estaremos discutindo em nossa exposição.